

JOAQUIM PIMENTA

Evaristo de Moraes Filho

(Palavras proferidas na Congregação da Faculdade Nacional de Direito).

COMO é do conhecimento de todos, foi sepultado hoje de manhã o Professor Joaquim Pimenta, mestre de várias gerações de brasileiros. Desapareceu aos 77 anos, e com ele largo e tumultuoso período da vida republicana.

De Pimenta podem ser repetidas as palavras proferidas por Anatole France, quando da morte de Emile Zola: Pimenta foi sobretudo um bom. Podia ter feito o mal, e não o fez. Teve sempre aquela bondade consciente, voluntária, inteligente; e não simplesmente a bondade sem esclarecimento, inconsciente, de quem não distingue o bem do mal. Daí o seu mérito.

De Tauá ao São João Baptista, nesta cidade, escreveu Pimenta uma longa história: de ternura, de bondade, de saber. Como uma criança grande, nunca perdeu aquêle seu jeito, tão peculiar, de quem permanece deslumbrado diante da vida, sempre agradecido por ser um humano entre os humanos. Como Terêncio, podia dizer que tudo que afetava os homens lhe dizia respeito. De perto, profunda e intimamente.

Humilde, recolhido, sempre com sua adorada mulher, sua família e seus livros. Mas, que não se atacassem. Defendia-se com todas as forças, não desmentindo Euclides da Cunha, sertanejo que era. Aí transformava-se. Aparecia o polemista — agudo, vivo e contundente. Não segava, porém, ao adversário o direito de dizer e defender as idéias de seu agrado — embora não concordasse com elas, iria até ao sacrifício na defesa desse direito. Não conhecia a intolerância nem o dogmatismo intelectual.

De grande cultura, procurava disfarçá-la o mais possível, não se exibindo nem procurando mostrar-se superior a ninguém. Parecia pedir desculpas a todos por haver estudado tanto. E procedia no plano do saber, como o fazia no plano material: o que era dele pertencia a todos, seu patrimônio não era atributo de sua pessoa, e sim de todos os seus semelhantes que dele se aproximassem. Apagava-se, escondia-se, distribuindo em vida tudo que era seu. Tinha a alegria bíblica de dar.

Foi este homem, bom e sábio, que morreu. Viveu como cristão, pela bondade, pela caridade. Por isso mesmo fico aqui a imaginá-lo chegando ao céu, a maneira de Manoel Bandeira: Licença São Pedro. E o santo, bonachão? Entre Pimenta. Você não precisa pedir licença.